

CONCEPÇÕES E FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE REVISÃO DE TEXTOS EM MINAS GERAIS¹

*[CONCEPT MAKING AND TRAINING
OF TEXT REVISION EXPERTS IN THE
STATE OF MINAS GERAIS]*

LOURDES DA SILVA DO NASCIMENTO

Revisora *freelancer*. Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET/MG. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
[lsnrevisao@gmail.com]

¹ Comunicação apresentada na XIII Semana de Letras – Delet – ICHS – UFOP – *Culturas da Escrita, Culturas da Oralidade* – realizada no período de 24 a 27 de novembro de 2014.

RESUMO

Neste trabalho, investiga-se a formação do revisor de textos atuante em Minas Gerais, com base nas concepções de texto e de revisão de textos que esse profissional apresenta. Foram aplicados questionários a 31 revisores. Os dados obtidos foram analisados a partir do aporte teórico da Linguística Textual, que permitiu elaborar um conceito de texto e outro de revisão, que atendessem às propostas da pesquisa empreendida. Os resultados apontaram para a necessidade de se pensar a formação do revisor de textos sob viés transdisciplinar, que se estenda além dos limites da gramática normativa e que contemple a tarefa de revisão de textos de maneira mais próxima ao que acontece no dia a dia do fazer dos revisores.

PALAVRAS-CHAVE

Revisor de textos; Revisão de textos; Formação do revisor de textos; Linguística Textual.

ABSTRACT

This paper investigates the text revisers training process who work specifically in Minas Gerais, based on their conceptions of both text and text revision. Questionnaires were applied to 31 revisers in order to collect data. The data analysis was based on the theoretical framework of Textual Linguistics, which enabled the establishment of a concept of text and revision that better meets the proposal of this research. Outcomes pointed to the need of thinking the text reviser training through a transdisciplinary approach, which would surpass the borders of normative grammar and encompass text revision task in a closer way to the revisers' routine.

KEYWORDS

Text reviser; Text revision; Text reviser training; Textual Linguistics.

Introdução

A atividade de revisão de textos é tão antiga quanto a própria escrita e a leitura, mas pouco se sabe sobre a formação dos revisores de textos. Prevalece, no senso comum, a ideia de que os revisores são egressos dos cursos de Letras. Entretanto, se observarmos, por exemplo, o edital do último concurso da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), realizado em 2007, veremos que se permite a participação, para o preenchimento do cargo de redator-revisor, de pessoas advindas de qualquer área de conhecimento (ALMG, 2007).

A teoria do revisor egresso apenas da área de Letras também não é verificável quando lemos as propagandas de cursos de formação de revisores de textos, a exemplo do Curso de Especialização em Revisão de Textos, oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais desde 2005. Na ementa do curso, diz-se que ele é voltado a profissionais de diversas áreas de conhecimento: Letras, Comunicação, *Design* Gráfico e demais interessados.

Isso nos permite pensar que talvez haja falta de clareza sobre o trabalho do profissional de revisão de textos, o que é patente quando verificamos a classificação que o Ministério do Trabalho elaborou para as inúmeras ocupações existentes no Brasil. Percebemos, como aponta Salgado (2011), que a atividade de revisão pertence a dois ramos profissionais: o dos editores e o dos jornalistas, sem que se definam suas atribuições.

Em vista disso, podemos notar que, contrariamente ao senso comum, o revisor não necessariamente tem de ser formado em Letras; no entanto, ter um vasto conhecimento de mundo auxilia no bom desempenho do trabalho (FERABOLI, 2012).

Nesse sentido, em função da necessidade de se entender melhor quem é o profissional de revisão de textos e como ele se forma, empreendemos o estudo aqui relatado,² cujos objetivos foram: a) traçar um perfil do profissional de revisão de textos, considerando os caminhos de sua formação; b) verificar como os poucos cursos de formação em revisão de textos prepararam os alunos para a tarefa de revisão; c) especificar quais os pré-requisitos

² O referido estudo diz respeito a nossa pesquisa de mestrado, intitulada *Revisor de textos: concepções e formação do profissional em Minas Gerais*, defendida em dezembro de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET/MG.

necessários para se tornar um profissional de revisão de textos; d) observar que concepções de texto e de revisão subjazem à atividade dos profissionais entrevistados.

1 Panorama da literatura sobre revisão de textos

Um olhar sobre a figura do revisor de textos e sobre sua atividade permite compreender que a revisão cumpre papel importante e necessário na sociedade: o de estabelecer parâmetros para uma alta qualidade de transmissão de ideias e de conceitos expressos nas diferentes situações de comunicação.

Com base nessa noção, apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre a revisão de textos e trazemos à baila duas vertentes de estudos na área: a revisão no contexto da sala de aula e a revisão no contexto editorial.

1.1 Breves considerações sobre a revisão de textos

O trabalho de revisão de textos e quem é o profissional que a ele se dedica é temática ainda pouco pesquisada dentro dos Estudos de Linguagens. “O que é a revisão de textos?” e “Como se forma um revisor de textos?” são questões ainda carentes de discussão.

No que diz respeito à primeira pergunta, Costa, Rodrigues e Pena (2011, p. 53) dizem que

definir o que os pesquisadores consideram como revisão de textos não é tarefa fácil, uma vez que o conceito de revisão se diferencia de um pesquisador a outro ou até mesmo no interior de uma mesma obra. Essa diferenciação decorre, a nosso ver, de abordagens monodisciplinares em que a revisão é estudada.

Tanto é verdade o excerto anterior que uma primeira dificuldade que se impõe à pesquisa sobre revisão de textos é delimitar as palavras-chave, os critérios de busca em bancos de dados, pois “um esforço de pensar a revisão textual dentro dos domínios da ciência requer considerar uma

multiplicidade conceitual relativa à prática em foco e lidar com um amplo espectro de preceitos e leis formulados na e pela tradição gramatical” (COSTA; RODRIGUES; PENA, 2011, p. 53).

No tocante à segunda pergunta, foco de nosso estudo, uma primeira hipótese consiste no fato de que, justamente por não haver um conceito único para o que seja revisão de textos, a formação do profissional atuante nessa área também não está definida, o que, numa segunda hipótese, faz com que a maioria dos trabalhos sobre revisão de textos concentre-se mais na revisão textual propriamente dita e menos no profissional que a realiza.

Não foi nosso objetivo tratar detidamente dos conceitos de revisão vigentes, uma vez que eles podem apresentar variações conforme a teoria linguística que se escolha aplicar nos estudos sobre revisão de textos. Cumpre, entretanto, trazer aqui três conceitos que Costa, Rodrigues e Pena (2011), pautando-se na psicologia cognitiva de Heurley (2006), apresentam para revisão de textos:

Conforme apontam Monahan (1984) e Matsuhashi (1987), citados por Heurley (2006), a palavra revisão deve ser utilizada no plural, uma vez que ela se refere às modificações realizadas em um texto. Tal definição pode ser concebida do ponto de vista comportamental da atividade de produção de textos, ou seja, as ações de interromper a progressão do texto, a fim de modificar algo no texto previamente escrito. Nessa perspectiva, a revisão pode ser vista como uma atividade de modificação de um texto já escrito que é realizada pelo próprio autor.

Já para Hayes e Flower (1980, 1986) e Hayes et al. (1987, apud Heurley, 2006), a revisão consiste em um subprocesso de redação que visa produzir uma melhora no texto. Nesse sentido, a revisão designa a estratégia utilizada por um redator que procura resolver um problema que detectou em um texto, esforçando-se ao máximo para preservar o texto original, e se diferencia da reescritura pura e simples de um texto.

Para Hayes (1996, apud HEURLEY, 2006), a revisão não deve ser considerada como um subprocesso da atividade de produção de textos, mas como um processo composto, constituído de vários subprocessos e de um objetivo guiado – melhorar o texto – que determina em que momento esses subprocessos devem ser postos em ação e em que ordem. Dito de outro modo, a revisão é um processo que assegura várias funções, dentre as quais verificar e melhorar o produto acabado. (COSTA; RODRIGUES; PENA, 2011, p. 57-58).

A noção de processo é comum aos três conceitos apresentados, o que denota a complexidade da tarefa de revisão de textos. Interessante notarmos que, nesse processo, está presente mais de um sujeito. Para Vita (2006), na revisão, sempre se está ligado ao outro, numa relação limitadora e restritiva, que conduz o sujeito a outra relação com seu texto. Nesse sentido, pode-se afirmar que a revisão é parte do “processo autoral (que envolve diferentes agentes e operações), o que parece configurar um caráter coletivo da autoria, que entendemos ser característico das condições atuais da produção editorial” (SALGADO, 2008, p. 525).

Importante frisarmos que o autor não se constitui apenas pela atribuição de um texto a um indivíduo que o criou, mas, antes, é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 46). O autor, portanto, é um sujeito social e historicamente constituído, um produto da escrita (BARTHES, 2004; SALGADO, 2010).

Nesse sentido, podemos perceber, pela leitura dos trabalhos encontrados sobre revisão de textos, que, nos estudos sobre revisão, é comum a noção da presença de, pelo menos, dois sujeitos no processo de produção de textos: além do autor, há outro(s) com quem se estabelece uma interlocução, nos diferentes contextos em que se dá a revisão de textos.

1.2 O recorte do estudo

Nosso recorte foram os trabalhos sobre revisão publicados em Língua Portuguesa. A revisão bibliográfica na área indicou falta de uniformidade na terminologia usada nos textos, conforme mencionado por Costa, Rodrigues e Pena (2011). Cientes dessa falta de uniformidade, utilizamos as seguintes palavras/expressões-chave na pesquisa: revisão de textos, revisão de estilo, revisão gramatical, revisão ortográfica, preparação de textos, preparação de originais, copidesque, revisão de provas, correção ortográfica, correção de estilo, correção gramatical, orientação de texto, orientação redacional, profissional do texto, revisor de texto, interlocução editorial e tratamento editorial de textos.³

³ Em função dessa variação terminológica, optamos por adotar, em nosso trabalho, a expressão *revisor de textos* para designar o profissional que trabalha com *revisão de textos*, seguindo a

A partir dessa pesquisa, identificamos duas vertentes de estudos em revisão de textos: 1) revisão na sala de aula (correção de redações) e 2) revisão no contexto editorial (textos que terão possível ampla circulação).

Chamou-nos a atenção o fato de quase não haver trabalhos que tratem explicitamente do revisor de textos e/ou de sua formação, exceto os de Cândido *et al.* (2011), que trataram do mercado de trabalho para o revisor em Anápolis (GO); Muniz Jr. (2010a), que discutiu a figura do revisor com apoio em questões da Ergologia; e Leite (2014), que estudou os movimentos dos olhos dos revisores durante o trabalho de revisão.

1.2.1 Revisão na sala de aula

Nesta primeira vertente de estudos, destacamos os trabalhos de Lucena (1997), Dellagnelo e Tomitch (1999), Figueiredo (2002), Vita (2006), Coêlho (2009), Fiad (2009; 2010), Menegassi (2001; 2004) e Oliveira (2011).

Tais trabalhos abordam, no geral, a reescrita e a correção, pelo professor ou pelo colega de sala, como fatores que contribuem para melhoria dos textos de alunos de diversos níveis.

1.2.2 Revisão no contexto editorial

Nesta vertente de estudos, destacamos os trabalhos de Arrojo (2003), Yamazaki (2007), Ribeiro (2007; 2008; 2009), Salgado (2008; 2011), Muniz Jr. (2010a; 2010b), D'Andrea e Ribeiro (2010), Mourão (2010), Silva e Mincoff (2010), Sant'Ana e Gonçalves (2010), Salgado e Muniz Jr. (2011), Costa, Rodrigues e Pena (2011), Cândido *et al.* (2011), Feraboli (2012), Macedo (2013) e Leite (2014).

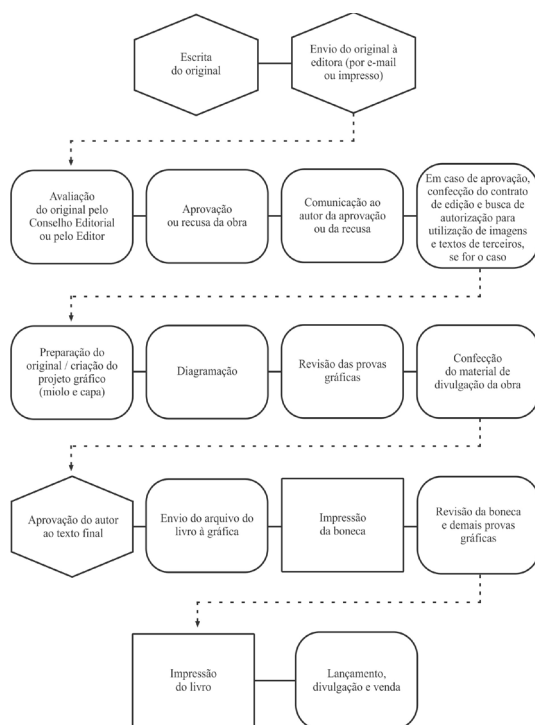
Esses trabalhos discutem a atividade do revisor profissional, que atua no mercado editorial, foco de nossa pesquisa.

Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), consolidada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). O código da ocupação *revisor de texto* é 2611-40 e o documento com todas as ocupações está disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/downloads.jsf>>. Acesso em: 19 set. 2014.

1.2.2.1 Aspectos da revisão no contexto editorial

Existem várias possibilidades para que um processo editorial ocorra e o revisor pode estar inserido do início ao final do processo. Apresentamos, na FIG. 1, uma possibilidade de processo editorial que é comum em editoras universitárias:

FIGURA 1 – Fluxograma de produção editorial de livro



Nesse fluxograma, observamos que, além do livro a ser publicado, em diversos momentos produzem-se textos a respeito desse livro e que vão demandar revisão. Desse modo, o revisor pode atuar do início ao final do processo, se for integrante do quadro de funcionários da editora, conforme a demanda.

Em algumas casas editoriais, a tarefa de revisão de textos pode ter mais de um profissional responsável, conforme a etapa do processo, que pode ser: copidesque⁴/preparação de originais; revisão de provas.

⁴ Os termos copidesque e copidesquista são mais usados na edição de jornais, mas há editoras que

1.2.2.2 Breves considerações sobre o preparador e o revisor de textos

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*
Carlos Drummond de Andrade

Os versos do poema de Drummond escolhidos para epígrafe desta seção fazem parte do poema “Procura da poesia” (do livro *Alguma poesia*) e são quase uma aula de como fazer versos, em busca do melhor poema. “Chega mais perto e contempla as palavras” pode ser conselho que se aplica perfeitamente não só aos poetas, mas também aos preparadores e revisores de textos. Tal qual o poeta que vai à “procura da poesia” perfeita, no processo de produção editorial, preparador e revisor de textos lançam-se à procura do texto perfeito.

E como se definem tais profissionais no processo editorial? Cabe ao *preparador*, segundo Pinto (1993),

conhecer além das condições da obra inteira, a ortografia da língua, a pontuação, aspectos do vocabulário e dos vícios de linguagem mais comuns. Também cabe a ele dominar questões discursivas e de gênero, além de fatos sintáticos e ao menos rudimentos de produção editorial com que possa contribuir nas etapas de seu trabalho. (*apud* RIBEIRO, 2007, p. 6).

Assim, verificamos que o preparador é “a ponta” do processo editorial. É ele quem recebe do editor (ou mesmo do próprio autor) o texto original e o deixa em condições de ser publicado.

Depois de passar pelas mãos do preparador, o texto é diagramado e ganha feições de livro. Após essa etapa, ele chega às mãos do *revisor de provas*.

Segundo Pinto (1993), o *revisor de provas*

parece algo diferente do preparador. Esse profissional trata da verificação do texto, da revisão de provas, etapa adiantada do processo de edição, em que a os adotam. Em nosso trabalho, preferimos “preparador de originais”, uma vez que, em algumas casas editoriais, o profissional que desempenha esta tarefa é contratado como “preparador de originais”.

obra já sofreu tratamento gráfico ou programação visual. A incumbência do profissional da revisão é o “cotejo da prova com o original, sem compromisso com o conteúdo do texto e limitado apenas aos erros tipográficos”. (apud RIBEIRO, 2007, p. 6)

Como percebemos, o *revisor de provas* é quem verifica se na prova diagramada estão todas as informações do texto entregue à diagramação pelo *preparador*, evitando possíveis “saltos” e incoerências.

No trabalho de revisão de provas, as anotações a serem feitas nas cópias impressas são padronizadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT),⁵ para não haver o risco de o diagramador que fará as correções no arquivo não entender alguma marcação do revisor, uma vez que esse anota tudo a mão. Obviamente, enganos acontecem nessa etapa do trabalho, mas a padronização os minimiza.

Pode acontecer de a conferência das provas não ocorrer na versão impressa, mas no arquivo PDF. Nesse caso, o revisor deixa suas anotações no arquivo, utilizando o recurso de comentários e notas de que esse dispõe, deixando que o diagramador realize as correções, uma vez que é praxe no trabalho editorial esse tipo de arquivo ser fechado para edição de outra pessoa que não o diagramador ou o profissional da gráfica.

Há editoras que possuem tanto o preparador de originais quanto o revisor de provas. Convém frisarmos, no entanto, ser comum ambos os profissionais serem terceirizados, uma vez que a tarefa de revisão pode ser exercida em ambientes *home office*. Se as atividades do *preparador de originais* e do *revisor de provas* forem exercidas por um único profissional, esse profissional é comumente chamado apenas de revisor, também pode ser profissional terceirizado.

Preparar e revisar textos não são tarefas das mais simples, exigem dedicação e concentração, mas, acima de tudo, tanto o preparador quanto o revisor devem conhecer seus limites. É o autor o dono do texto e ele deve estar ciente das alterações que forem feitas pelo preparador e/ou revisor, podendo ou não concordar com elas.

Se o preparador e o revisor aventurarem-se a modificar o texto a seu bel-prazer, correm o risco de, como o revisor de textos personagem principal da *História do cerco de Lisboa*, de Saramago, ouvirem do autor, em alto

⁵ Vide NBR 6025/02.

e bom tom, o ditado “não suba o sapateiro acima da sandália”.

1.3 Breves considerações sobre o estado da arte

Na revisão bibliográfica, verificamos que prevalece nos trabalhos sobre revisão de textos a abordagem monodisciplinar, com foco em questões da Linguística, tanto na primeira vertente de estudos quanto na segunda.⁶

A ênfase nas questões da Linguística não pode ser desconsiderada, pois denota que a teoria nos estudos sobre revisão de textos, em grande parte, está em descompasso com a prática de revisão de textos, a qual ultrapassa essas questões, sendo necessário pensá-la sob um viés transdisciplinar,⁷ como sugerido no trabalho de Macedo (2013).

2 Fundamentação teórica

A abordagem⁸ analítica do estudo foi informada pela Linguística Textual, em especial os trabalhos de Beaugrande e Dressler (1981), Fávero e Koch (2002), Bentes (2005) e Costa Val (2002; 2006).

O trabalho de Beaugrande e Dressler (1981) é centrado na textualidade, ou seja, nos fatores que fazem com que um texto seja de fato texto. Fávero e Koch (2002) e Bentes (2005) comentam o desenvolvimento da Linguística Textual, destacando diversas obras sobre o tema, trazendo à baila os problemas advindos do estudo das propriedades do texto e descrevendo alguns dos diversos modelos de gramáticas textuais já propostos. Costa Val, em trabalho de 2002, discute o ensino de Língua Portuguesa nas escolas e, em texto de 2006, aplica os conceitos de Beaugrande e Dressler (1981) à análise de redações de vestibular.

⁶ As exceções foram os trabalhos de Cândido *et al.* (2011), Muniz Jr. (2010a) e Leite (2014), conforme já apontamos.

⁷ Chama-se *transdisciplinaridade* a abordagem científica que almeja a unidade do conhecimento. Ela estimula uma forma de compreender a realidade segundo a qual se conjugam aspectos que não só estão contemplados nos limites de cada disciplina, como também os extravasam, entendendo ser o conhecimento amplo e complexo. É uma atitude de aceitação da alteridade (ROCHA FILHO, 2007).

⁸ Preferimos o termo “abordagem” por entendermos que nosso estudo traz questões que permitem diversas possibilidades de análise.

2.1 *Por que Linguística Textual?*

O trabalho de Costa Val, do qual pinçamos questões que nos são comuns, é voltado ao ensino de gramática na sala de aula e critica a forma fracionada pela qual esse ensino se dava até a data de publicação do texto: 2002. Usavam-se frases de textos soltas, fora de contexto, na maioria dos casos, embora os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) já tivessem prescrito a necessidade de se tratar a gramática no texto, de forma menos artificial.

Como já dissemos, nosso foco não foi a revisão na sala de aula, mas o estudo de Costa Val pode ser perfeitamente transposto aqui, e ajuda a explicar o porquê de termos escolhido a Linguística Textual como fundamentação teórica de nosso trabalho.

É necessária uma digressão na primeira pessoa do singular aqui, pois se trata de questões empíricas, uma vez que não foram encontrados estudos sobre revisão de textos que discutissem o que será exposto a seguir.

A maioria dos revisores respondentes da pesquisa aqui exposta e eu estivemos sob a égide da gramática normativa, nos idos das décadas anteriores aos anos 2000,⁹ portanto, somos testemunhas – e, por que não, frutos – do ensino criticado por Costa Val.

Somente em fins dos anos 1990 que se começou, nas escolas secundárias do Brasil, a pensar a gramática além dos limites da frase, tomando os textos como objetos de estudo. Mesmo nas faculdades de Letras do país era ainda recente a inserção de estudos de gramáticas diferentes da normativa. As novas concepções linguísticas não estavam ainda consolidadas (algumas até hoje não estão) em terras tupiniquins.

Havia, à época em que fiz o curso de Letras, disciplinas que discutiam as muitas teorias linguísticas existentes, mas, como em toda disciplina de graduação, sem se aprofundarem muito. Eram disciplinas obrigatórias, intituladas Linguística I, II etc., que semestralmente mudavam de foco, sendo-nos apresentadas as muitas vertentes de estudos linguísticos.

Isso foi traço comum a muitas das graduações em Letras com formações anteriores ou próximas ao início dos anos 2000. Essa formação generalista não é prerrogativa apenas dos cursos de Letras, mas das gradua-

⁹ Esse dado é visível no GRÁF. 1, mais adiante, no qual constam as faixas etárias dos revisores entrevistados.

ções em geral. Não há aprofundamento nessa fase, isso se fará, caso o aluno queira, em estudos *stricto sensu*.

Por que expusemos esse quadro? Sabendo que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras, até início dos anos 2000, era centrado na gramática normativa e que os cursos de Letras do referido período eram uma espécie de “degustação” das demais teorias linguísticas, é de se esperar que os revisores de textos graduados nesse período pautem seu trabalho na teoria com a qual tenham mais afinidade: a gramática normativa, que lida com questões atinentes à frase – assim como Costa Val (2002) relatou ter acontecido com os professores de Língua Portuguesa do período citado.

Tal expectativa é bastante preocupante, uma vez que a revisão de textos vai além das questões da frase, perpassa noções de gêneros e tipos textuais, discursos, enfim, o texto como instrumento sociocomunicativo.

Além dessas, outras questões justificam a escolha da Linguística Textual como aporte teórico de nosso trabalho. Segundo Fávero e Koch (2002), a Linguística Textual firmou-se a partir de conceituações vindas de outras disciplinas: *teoria dos atos de fala*, de Austin e Searle (Filosofia da Linguagem), *lógica das ações*, de Piaget (Psicologia), e *teoria lógico-matemática dos modelos*, de Howard Gardner (Filosofia). A Linguística Textual, portanto, pode ser considerada, em nosso entendimento, transdisciplinar, por natureza, sendo essa transdisciplinaridade outra justificativa para a escolha dessa disciplina como fundamentação teórica de nosso trabalho. Consideramos a revisão de textos tarefa transdisciplinar e, como tal, a formação nessa área deve ser pensada, daí optarmos por trabalhar com uma teoria também transdisciplinar.

De acordo com Fávero e Koch (2002), no surgimento da *teoria do texto*, considera-se a noção de *processo*, o que constitui também uma justificativa para nossa opção teórica. Pensar o processo de elaboração do texto é pensar, necessariamente, em duas instâncias: a produção e a recepção. Tais instâncias desdobram-se em outras duas: o autor e o leitor.¹⁰ É justamente

¹⁰ Os conceitos de autoria (pertinente à produção) e recepção (atinentes ao leitor) suscitam inúmeras discussões, que não serão aqui tratadas. Para ampliar o olhar sobre as relações entre o autor e o revisor, sugerimos a leitura do artigo de Salgado (2008). Para as questões de autoria, recomendamos o livro organizado por R. Silva (2014), que reflete sobre direito autoral e plágio na universidade e na sociedade atual e sobre temáticas que envolvem propriedade intelectual e acesso a textos na *Web*. Quanto às questões atinentes à recepção, referendamos os trabalhos de Martín-Barbero (1997) e Martino (2007). Ambos abordam a recepção pelo viés das teorias de Comunicação Social e contribuem enormemente para os Estudos de Línguas, nos quais o tema ainda é bastante incipiente.

entre um e outro que se encontra o revisor de textos.

Tal argumento permitiu elaborarmos, com base nas teorias dos autores da Linguística Textual, dois conceitos que atendem aos propósitos de nosso trabalho:

- texto é toda unidade verbal ou não verbal, de qualquer extensão, que esteja inserida em um dado contexto de comunicação, independentemente dos *media* em que se apresente;

- revisão de textos é um **processo** de manutenção dos fatores de textualidade (coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade).¹¹

Ambos os conceitos formulados por nós consideram as instâncias de produção (autor) e recepção (leitor).

Expostos os motivos de termos escolhido a Linguística Textual como nossa fundamentação teórica, e sua relação com nosso trabalho, passamos agora à nossa opção metodológica.

3 Opção metodológica

A pesquisa foi qualitativa e descritiva, tendo sido usados dados numéricos em alguns momentos. O instrumento de coleta de dados foi um questionário aberto, com nove perguntas. O *corpus* foi constituído das respostas ao questionário e, em função dessas respostas, foram incorporadas a esse *corpus* matrizes curriculares de cursos de formação de revisores de textos mencionados pelos respondentes.

3.1 Os dados

Os dados foram coletados por meio do questionário seguinte:

¹¹ Os fatores de *textualidade* foram propostos por Beaugrande e Dressler (1981). Para Costa Val (2004), é mais prudente falar-se em *textualização*, entretanto, consideramos que o primeiro termo atende aos propósitos de nosso trabalho e optamos por mantê-lo.

1. Nome completo:
 2. Idade:
 3. Há quanto tempo você é revisor(a) de textos?
 4. Você trabalha como freelancer ou é revisor(a) contratado(a) em alguma empresa/ Se é contratado(a), que tipo(s) de texto(s) revisa na empresa? Se é freelancer, com que tipo de texto você mais trabalha?
 5. Qual sua formação acadêmica?
 6. Você fez algum curso na área de revisão de textos? Qual, quando e onde?
 7. Se você se formou em alguma área diferente de Letras ou Jornalismo, por que você se tornou revisor?
 8. Se você fez algum curso de formação na área de revisão de textos, o que você queria ter estudado e não estudou?
 9. Para você, o que é preciso para se tornar um revisor?
- Observação: Como você gostaria de ser indentificado(a) na pesquisa? Podemos mencionar seu nome?

3.2 Os participantes da pesquisa

A pesquisa foi empreendida com 31 revisores de texto (21 mulheres e 10 homens), *freelancers* ou funcionários de alguma empresa, que atuam há dois anos ou mais na área de revisão de textos, em Minas Gerais. A maioria deles integra nossa rede de contatos e outros nos foram indicados por colegas revisores.

As respostas às questões 1, 2, 3, 4 e 5 proporcionaram-nos um perfil dos revisores participantes da pesquisa, conforme apresentamos a seguir.

1. Nome completo: a maioria preferiu não se identificar, assim, no trabalho constam como Rev. 1, Rev. 2 etc.

2. Idade: ver GRÁF. 1.

3. Tempo de atuação: ver GRÁF. 2.

GRÁFICO 1 – Faixas etárias dos revisores pesquisados

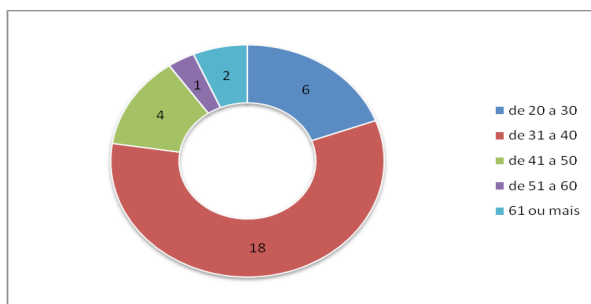
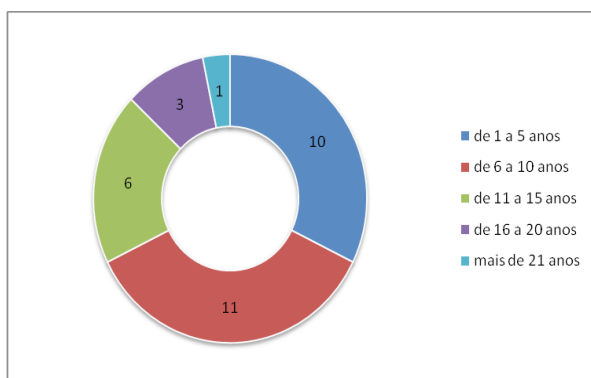


GRÁFICO 2 – Tempo de atuação em revisão (anos)



4. Você trabalha como freelancer ou é revisor(a) contratado(a) em alguma empresa? Se é contratado(a), que tipo(s) de texto(s) revisa na empresa? Se é freelancer, com que tipo de texto você mais trabalha?

Os resultados para essa questão foram os seguintes:

- onze revisores declararam ser funcionários de alguma empresa e, desses, seis mencionaram que ocasionalmente fazem trabalhos *freelancer*;

- vinte revisores declararam trabalhar apenas como *freelancers* e, desses, sete disseram já terem trabalhado como revisores contratados de alguma instituição, tendo um deles mencionado que presta serviços para a editora onde já trabalhou;

- entre os participantes da pesquisa, há dois revisores que também atuam com tradução;

- os textos mais revisados pela maioria dos participantes da pesquisa são os das esferas acadêmica, técnico-científica e didática.

5. Formação acadêmica dos revisores

Nessa questão, os resultados foram:

- dos 31 pesquisados, 10 vieram de cursos diferentes de Letras (Jornalismo e Comunicação Social em 2º lugar). Há revisores que migraram para Letras, vindos de Odontologia, Tecnologia em Processamento de Dados, Administração Pública e Direito. Um revisor saiu da Comunicação Social para o Direito;
- dois estão concluindo graduação;
- seis têm apenas graduação;
- nove cursaram até a especialização;
- nove foram até o mestrado.
- cinco têm doutorado.

4 Análise e discussão dos dados

Nossa análise dividiu-se em duas etapas: 1) respostas às questões 6 e 7 (cursos na área de revisão de textos); 2) respostas às questões 8 e 9 do questionário aplicado aos revisores, com foco nas concepções de texto e revisão de textos trazidas pelos respondentes, tendo sido nosso aporte os conceitos de texto e revisão de textos que formulamos para o trabalho. A seguir, trazemos os resultados obtidos nas respostas às referidas questões.

4.1 Cursos na área de revisão de textos

No que diz respeito à questão 6, “Você fez algum curso na área de revisão de textos? Qual, quando e onde?”, dos 31 revisores pesquisados, obtivemos o seguinte:

a) onze relataram não terem feito nenhum curso na área de revisão, sendo que um, entre esses, mencionou um curso de atualização ortográfica, mas não o considerou curso na área de revisão;

b) apenas dois consideraram estágios em revisão que fizeram como formativos e seis mencionaram cursos de curta duração como parte da formação em revisão;

c) apenas dois consideraram os cursos de graduação (Letras e Jornalismo) como cursos de formação em revisão;

d) dois relataram terem cursado disciplinas de revisão e edição na graduação;

e) um informou ter tido disciplina de revisão na pós-graduação (Projetos Editoriais Impressos e Multimídia – UNA);

f) sete fizeram pós-graduação *lato sensu* em Revisão de Textos pelo Instituto de Educação Continuada da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (IEC/PUC Minas);

g) uma informou especialização em Revisão de Textos em andamento pela Universidade de Taubaté (Unitau).

O resultado apresentado em “a” faz-nos supor que os respondentes entenderam apenas os cursos de pós-graduação como sendo voltados à revisão de textos. Tal resultado contrasta com o exposto em “b”, no qual os revisores consideraram a formação extracurricular (estágios e cursos de curta duração) e também com o que temos em “c” (graduações em Letras e Jornalismo tidas como cursos de formação em revisão).

Convém lançarmos nosso olhar mais detido a esses três resultados antes de prosseguirmos.

Os resultados apontados em “a” e “b” sugerem que os revisores não acreditam que os cursos de graduação feitos (Letras e Jornalismo, em sua maioria) preparem alguém para a tarefa de revisão de textos. Esse dado é bastante interessante, visto que esse grupo corresponde a mais da metade do total de revisores pesquisados.

Em contraste, temos o que se apresentou em “c” (dois revisores consideraram os cursos de graduação). O revisor que mencionou o curso de Letras como formativo é oriundo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o que citou o curso de Jornalismo é egresso da PUC Minas.

Ao compararmos os resultados “a” e “b” com o que obtivemos em “c”, somos levados a pensar que talvez não haja muita clareza sobre o que seja curso de formação.

Com apoio no trabalho de Pires (2002), verificamos que falta clareza no entendimento geral do que seja formação, isso, supomos, explica o fato de 11 revisores (quase metade dos que foram consultados) não terem considerado seus cursos de graduação como cursos formativos na área de

revisão de textos. Convém notarmos que os 11 revisores mencionados responderam não terem feito qualquer curso na área de revisão.

Tendo em mente o conceito de “formar” apresentado por Barbosa-Lima, Castro e Araújo (2006), como “processo de fazer aflorar o conhecimento já trazido”, e a negligência que ocorre com esse conceito, conforme apontado por Pires (2002), percebemos que o número de revisores que não consideraram a graduação sobe para 29, uma vez que apenas dois a mencionaram.

Esse dado ganha mais relevância ainda, se considerarmos que apenas a Rev. 29 mencionou (em resposta à questão 7) que seus conhecimentos ao longo da vida contribuíram para ela se tornar revisora.

Esse resultado é, no mínimo, bastante curioso e acreditamos que suscita inúmeras discussões a respeito dos motivos da não consideração dos cursos de graduação e dos conhecimentos anteriores aos cursos como parte da formação em revisão de textos pela maioria dos revisores consultados. Uma hipótese que formulamos para isso vai ao encontro do trabalho de Pires (2002): não há clareza quanto ao conceito de formação.

Dando sequência à nossa análise das respostas à questão 6, focamos nosso olhar sobre os resultados “d” (dois revisores cursaram disciplinas de revisão e edição na graduação) e “e” (um revisor teve disciplina de revisão na pós-graduação).

No tocante ao resultado “d”, cumpre notarmos que os revisores graduaram-se na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Na primeira Universidade, o curso de Letras possui as seguintes habilitações: Português, Francês, Espanhol, Italiano, Latim, Grego, Inglês, Alemão, Libras e Edição. Interessa-nos, de perto, a matriz curricular¹² dessa última habilitação, que traz as seguintes disciplinas específicas: Estudos Temáticos do Bacharelado em Edição: Poesia e edição; Estudos Temáticos do Bacharelado em Edição: O Português Escrito no Brasil; Estudos Temáticos do Bacharelado em Edição: Preparação de originais; e Estudos Temáticos do Bacharelado em Edição: Reedições.

Destacamos o fato de haver quatro disciplinas específicas na habili-

¹² A matriz curricular completa do curso de Letras da UFMG pode ser consultada em <<http://grad.letras.ufmg.br/colegiado-de-graduacao/matrizes-curriculares>>. Acesso em: 19 set. 2014.

tação em Edição. Observando o restante das disciplinas ofertadas no curso de Letras da UFMG, constatamos que são privilegiadas as disciplinas que tratam de língua e literatura nas habilitações que a faculdade oferece na graduação.

Esse dado reflete o que apontamos no início deste trabalho: as abordagens nos estudos de revisão ou edição de textos são, em sua maioria, monodisciplinares.

A Rev. 22 mencionou oficina feita na graduação em Letras da PUC Minas. Presumimos que a oficina mencionada refira-se às “Atividades Internas da PUC ligadas à produção de textos: tradução, redação, revisão e editoração”, que são “Atividades complementares de graduação”, de acordo com o site do curso.¹³ A revisora não informou quando concluiu a graduação em Letras, mas, atualmente, conforme vemos no *site* da PUC Minas, há mais disciplinas que tratam da revisão de textos integrando a matriz curricular do curso. São elas: Tópicos de gramática aplicados à revisão textual; Estudos linguísticos: princípios e processos de textualização; Leitura e produção de textos em ambientes midiáticos; Leitura e produção de textos institucionais; Revisão de textos: gêneros acadêmicos; Práticas de revisão de textos; e Estágio supervisionado: orientações legais e práticas de intervenção em língua e literatura.

Convém mencionarmos aqui o curso de Letras – Tecnologias da Edição, ofertado pelo CEFET-MG, embora nenhum dos revisores consultados tenha se graduado nele. O curso teve início em 2010 e é pioneiro no estudo de questões de revisão ligadas a outros aspectos que não apenas os de Linguística, ou seja, já traz em sua formatação o caráter transdisciplinar que a área de edição de textos (aí incluída a revisão) pressupõe, corroborando o que temos argumentado neste trabalho.

O curso do CEFET busca aprofundamento nas questões referentes à edição, incluída aí a revisão, conforme consta nos eixos de disciplinas da matriz curricular.

No Eixo 5, “Práticas de Produção, Edição e Revisão de Textos”, há oito disciplinas específicas; no Eixo 6, “Processo e Produção Editorial”, constam dez disciplinas; e o Eixo 7, “Prática Profissional e Integração Curricular”, possui seis disciplinas. No total, são 24 disciplinas voltadas à

¹³ Cf. <<http://www.pucminas.br/ensino/outros/cursos-diversos.php>>. Acesso em: 18 set. 2014.

área editorial, o que representa quase metade do curso, que aborda a área editorial de modo bastante abrangente.

Continuamos nossa análise atentando ao resultado “e”. Nele, temos a resposta do Rev. 17, que disse ter feito disciplina relativa à revisão de textos no curso de pós-graduação *lato sensu* em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia pelo Centro Universitário UNA.

A referida disciplina constava, na matriz curricular de 2011/2012, como “Texto: criação, edição e revisão”, e sua carga horária foi de 24 horas, o que significa que os aspectos pertinentes à revisão de textos foram tratados mais ligeiramente. O curso passou por reestruturação em 2013, mas a disciplina em questão foi mantida.¹⁴

Voltamos nossa análise agora ao resultado “f”: sete fizeram pós-graduação em Revisão de Textos pelo Instituto de Educação Continuada/PUC Minas. A maioria desses revisores integrou a 1ª turma do curso (em 2005), cuja matriz curricular tinha as seguintes disciplinas:¹⁵ Edição; Língua Portuguesa I: macroestrutura textual; Língua Portuguesa II: aspectos ortográficos e morfológicos; Língua Portuguesa III: aspectos da construção da frase; Língua Portuguesa IV: normas sintático-discursivas; Metodologia do trabalho científico; Oficina de revisão I; Oficina de revisão II; Oficina de revisão III; Revisão do texto literário; Seminários I: profissionalização da atividade de revisão; e Seminários II: preparação de monografia; Teoria do texto.

Como podemos perceber nas disciplinas supracitadas, o foco do curso foram as questões de Linguística, havendo apenas duas disciplinas fora desse viés: “Metodologia científica” e “Seminários I: profissionalização da atividade de revisão”. As disciplinas de “Edição”, “Oficinas de Revisão” e “Revisão do texto literário” também privilegiavam aspectos da Linguística.

O curso atual de especialização em Revisão de Textos do IEC/PUC Minas, ofertado a distância, traz as seguintes disciplinas: Metodologia da pesquisa científica (disciplina a distância); Teoria do Texto; Texto e textualização; Língua portuguesa I: normas ortográficas e morfológicas;

¹⁴ As informações sobre o curso de Projetos Editoriais Impressos e Multimídia da UNA podem ser obtidas em: <<http://blogs.una.br/pos/curso/pos-graduacao-em-projetos-editoriais-impressos-e-multimidia/>>. Acesso em: 18 set. 2014.

¹⁵ A autora deste trabalho fez parte da referida turma, por isso, as informações sobre as disciplinas foram resgatadas de seu histórico escolar.

Língua Portuguesa II: a construção da frase; Língua Portuguesa III: normas sintático-discursivas; Variação linguística; Oficina de revisão de gêneros literários; Prática de revisão de textos; Oficina de produção textual; Oficina de revisão de gêneros acadêmicos; Oficina de revisão de gêneros jornalísticos; Oficina de revisão de gêneros oficiais; Oficina de revisão de gêneros didáticos; Oficina de tradução; Práticas editoriais; Ambientes digitais; e Seminários: Mercado e formação profissional.

Conforme verificamos, o curso ampliou o número de disciplinas e já traz em seu bojo questões demandadas pelos revisores pesquisados: as práticas editoriais, os aspectos de ambientes digitais e os referentes ao mercado de trabalho e à formação profissional.

Dando sequência à nossa análise, temos o resultado “g”: a Rev. 2 informou estar com a especialização em Revisão de Textos em andamento, pela Universidade de Taubaté (Unitau). Como nosso enfoque foram os cursos existentes em Minas Gerais, não abordamos o curso referido pela revisora.

Questão 7 - O que os revisores queriam ter estudado nos cursos e não estudaram?

O saldo nessa questão foi o seguinte:

- dos 13 revisores que responderam à pergunta desse tema, cinco deram bastante enfoque às questões de gramática normativa;
- um revisor enfatizou a importância de se estudarem mais os gêneros textuais;
- uma destacou os códigos de revisão;
- um informou que a revisão quase exclusiva de textos da área jurídica o levou a cursar Direito;
- um destacou as técnicas de preparação e revisão de textos;
- uma enfatizou a necessidade de haver estudos de casos reais no curso, ênfase que encontrou respaldo na fala de outras duas revisoras, que mencionaram interesse em ter estudado a prática de revisão indo além das questões de linguagem.

Esse saldo mostra que a maioria dos que responderam à pergunta parece priorizar as questões de gramática normativa como sendo primordiais à tarefa da revisão.

De modo algum queremos dizer aqui o contrário, sim, tais questões

são importantes, mas cumpre salientarmos que o domínio das teorias da gramática normativa, por si só, não garante o efetivo cumprimento do trabalho de revisão.

A revisão extrapola os limites da frase, e é necessário conjugá-la a outras teorias da linguagem que deem conta de aspectos além da frase, como o faz a Linguística Textual. É preciso também ajuntar questões do mercado de trabalho, da relação entre o revisor e seus clientes, como foi apontado em duas das respostas.

4.2 Concepções de texto e revisão que norteiam os trabalhos dos participantes da pesquisa – Respostas à questão 9

A maioria dos revisores demonstrou ter visão ampliada do que seja o texto, indo ao encontro do conceito que propusemos na pesquisa, mas sua visão sobre o que seja a revisão de textos é bastante ligada a aspectos da gramática normativa (nas respostas sobre “o que é necessário para ser revisor” prevaleceram os conhecimentos da gramática normativa).

Sobre esse ponto, levantamos a seguinte hipótese, que merece estudos futuros: a formação em Linguagem, até início dos anos 2000, nas escolas secundárias e nas faculdades de Letras brasileiras, privilegiava a gramática normativa, o que fez com que muitos professores de Língua Portuguesa se apoiassem mais nessa teoria, com a qual tinham mais contato (*vide* COSTA VAL, 2002). Isso pode ter acontecido também com os revisores de textos.

4.2.1 Breves considerações sobre a análise das concepções de texto e revisão

Percebemos ao longo da análise que houve certa coincidência dos temas nas respostas à questão 9 (“Para você, o que é preciso para se tornar um revisor?”). Nesse sentido, formulamos o quadro a seguir, no qual apresentamos os temas que surgiram e a frequência com a qual ocorreu cada um:

Frequência de ocorrência dos temas nas respostas à questão 9

Tema	Quantidade de ocorrências
Amplio conhecimento linguístico/de gramática/do idioma	23
Leitura e escrita fluentes	13
Habilidade para pesquisar	10
Respeito e boa relação com autor/diálogo	8
Amplio conhecimento de mundo/cultural	8
Concentração	7
Ser curioso/duvidar	6
Atenção aos detalhes	6
Paciência	6
Conhecimento amplo dos gêneros textuais	5
Organização/Metodologia para trabalhar	4
Contato/boa relação com outros revisores (envolvidos ou não no processo)	3
Conhecimento de informática/tecnologias que usa no trabalho	3
Disciplina/dedicação	3
Conhecimento da ABNT/outra norma	2
Saber negociar (ser flexível)	2
Bom senso	2
Humildade	2
Formação adequada	2
Disponibilidade	2
Domínio dos processos do texto	2
Gostar de revisar	2
Ter respeito pelos envolvidos no processo	1
Noções do assunto do texto	1
Treinamento na área	1
Formação continuada	1
Boa memória	1
Conhecimento de outros idiomas	1
Conhecer e saber usar as notações de revisão	1
Saber lidar com prazos	1
Domínio do processo editorial	1

Interessante notarmos que os temas ligados à Linguagem (“Ampla conhecimento linguístico/de gramática/do idioma”; “Leitura e escrita fluentes”; “Conhecimento amplo dos gêneros textuais”; “Domínio dos processos do texto”; e “Conhecimento de outros idiomas”) perfazem o total de 44 ocorrências.

Os demais temas correspondem a 86 ocorrências. Entre essas, a maioria diz respeito mais a características pessoais que o revisor deve ter ou aprender a desenvolver.

Convém notarmos que foi dada grande ênfase ao conhecimento da gramática normativa como fator preponderante para ser revisor de textos. Esse dado aponta para a hipótese que levantamos anteriormente, com base em Costa Val (2002): revisores que se graduaram em épocas anteriores aos anos 2000, ou no início desse período, tendem a se apoiar mais na gramática normativa, uma vez que tiveram mais contato com seus preceitos.

Considerações Finais

Ao longo de nossa pesquisa, verificamos que a maioria das abordagens nos estudos sobre revisão de textos são monodisciplinares, isto é, privilegiam as questões de linguagem, o que nos fez vislumbrar a necessidade de se empreenderem mais estudos na área, direcionados a questões transdisciplinares, que ultrapassem esses aspectos.

Pautados na Linguística Textual, elaboramos um conceito de texto e outro de revisão que atendessem aos propósitos do trabalho, contemplando tanto a esfera de produção textual (autor) quanto a de recepção (leitor). Ao problematizarmos as relações entre a teoria escolhida para análise e discussão dos dados, com base em estudo de Costa Val (2002), aventamos a hipótese de que os revisores graduados até início dos anos 2000 balizassem seu trabalho nas teorias da gramática normativa, com a qual tiveram mais contato, e, por conseguinte, sentem-se mais à vontade.

Com as respostas ao questionário aplicado, obtivemos o seguinte perfil dos revisores:

- com relação à idade, o grupo é heterogêneo, sendo que o mais jovem tem 26 anos e a mais velha tem 63;

- no quesito tempo de atuação, o tempo menor é de 2 anos e o maior é de 26;
- muitos exerciam outras atividades antes de se tornarem revisores;
- a quantidade de revisores *freelancer* é maior do que a dos que fazem parte do quadro de funcionários de alguma empresa;
- a maioria dos revisores estudou além dos cursos de graduação;
- o grupo pesquisado apresenta egressos de outros cursos além de Letras e Jornalismo;
- os revisores pesquisados, em sua maioria, parecem não ter muita clareza sobre o que fez/faz parte de sua formação na área, por isso, à exceção de dois revisores, o grupo não considerou os conhecimentos extracurriculares como parte de sua formação, o que contrasta com as concepções de revisão que demonstraram necessidade de outros conhecimentos além dos linguísticos;
- a maioria dos revisores de textos concebe a revisão de forma semelhante, com foco em aspectos da gramática normativa, o que corrobora a hipótese que aventamos na problematização feita neste trabalho: revisores graduados até início dos anos 2000 concebem a revisão de textos com ênfase maior nas questões da gramática normativa.

Com a pesquisa empreendida, foi possível verificar que, assim como visto na revisão de literatura, as abordagens dos cursos de revisão mencionados pelos revisores consultados são ainda bastante monodisciplinares, sendo focadas em aspectos da Linguística, embora tangenciem outras questões, como as do mercado de trabalho. Tal resultado aponta para o descompasso que existe entre os cursos de revisão de textos comentados e as demandas dos revisores, uma vez que sete dos treze revisores que fizeram cursos na área de revisão apontaram que gostariam de ter visto questões da área de revisão que fossem além das linguísticas, como mercado de trabalho e tecnologias usadas na tarefa de revisão. Constatamos que tais questões são brevemente tratadas nos cursos citados.

O atual curso de graduação em Letras da PUC Minas, o Bacharelado em Edição da Faculdade de Letras da UFMG e, embora não tenha sido citado por nenhum dos revisores consultados, o curso de Letras do CEFET-MG, com ênfase em Tecnologias da Edição, mostraram atender mais amplamente às questões de revisão demandadas pelos revisores

consultados. No caso do último curso, isso ainda deve ser observado nos próximos anos, já que as primeiras turmas se formarão em 2015.

Em vista disso, consideramos ter atingido os objetivos da pesquisa e deixamos aqui, como sugestão aos cursos de revisão, a incorporação de disciplinas que tratem mais de perto da prática profissional do revisor de textos, a exemplo do que já se faz nas faculdades de Letras da PUC Minas, da UFMG e do CEFET-MG.

Outro importante dado obtido é que a maioria dos revisores ainda considera os conhecimentos de gramática normativa como essenciais à tarefa de revisão, corroborando a hipótese que lançamos: os revisores graduados até início dos anos 2000 orientam seus trabalhos pautados, prioritariamente, nos preceitos da gramática normativa.

Os revisores apontaram também, além das questões da formação acadêmica, pré-requisitos de cunho subjetivo, ligados à personalidade: ter paciência, organização, humildade; saber dialogar com o autor e com os pares; respeitar o autor e os demais envolvidos no processo editorial; ser curioso e dado à pesquisa constante; conhecer as técnicas pertinentes a cada etapa do processo de revisão; e saber usar as tecnologias que auxiliam em seu trabalho.

Tais características são desejáveis no revisor de textos e são ponto pacífico, que não carece de discussão, na área de revisão, e os pré-requisitos apontados pelos revisores, em sua maioria, constam em manuais de revisão de textos que circulam no meio editorial. Todos focados em abordagens monodisciplinares.

O que se constatou aqui, desde o início, foi a necessidade premente de se pensar a revisão de textos em viés transdisciplinar, uma vez que a tarefa de revisão vai exigir do revisor conhecimentos que ultrapassam os limites da frase.

A gramática normativa deve, sim, ser usada no trabalho de revisão de textos, mas, como ela não dá conta dos aspectos discursivos, mantendo-se nos limites da frase, seu uso deve ser conjugado ao de teorias do texto, como a Linguística Textual, que permitam vislumbrar tanto a instância de produção (autor) quanto a de recepção do texto (leitor). Nesse sentido, os conceitos de revisão e de texto que cada revisor traz consigo são válidos, na medida em que contemplem essas duas instâncias. Conforme vimos, os

revisores demonstram ter conceito amplo sobre texto e revisão, alinhando-se aos conceitos que formulamos neste trabalho, conceitos com os quais almejamos ter contribuído com os estudos pertinentes às teorias de texto, especialmente a Linguística Textual.

Esperamos que os resultados aqui trazidos e discutidos possam contribuir com as discussões sobre a formação do revisor de textos, bem como com o que diz respeito à elaboração ou reelaboração de cursos de formação de revisores.

Daremos continuidade a nossa pesquisa, com estudos comparativos, na tentativa de ampliar o recorte aqui trazido e verificar se os mesmos resultados seriam obtidos em outros estados além de Minas Gerais. Seria o caso também de se empreenderem estudos comparativos com outros países de Língua Portuguesa. Enfim, a seara é imensa e há ainda muito que se trabalhar no sentido de se compreender melhor a formação do revisor de textos.

Referências

ALMG – Assembléia Legislativa de Minas Gerais. *Edital n. 1/2007*. Concurso público para provimento de cargos do quadro de pessoal da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://consulta.almg.gov.br/opencms/export/sites/default/consulte/concursos_publicos/pdfs/1_2007/Edital_consolidado.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2013.

ARROJO, Rosemary. A relação exemplar entre autor e revisor (e outros trabalhadores textuais semelhantes) e o mito de Babel: alguns comentários sobre *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago. *D.E.L.T.A*, 19 (Especial), p. 193-207, 2003.

BARBOSA-LIMA, Maria da Conceição; CASTRO, Giselle Faur de; ARAÚJO, Roberto Moreira Xavier de. Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006.

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In: O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to text linguistics*. London; New York: Longman, 1981.

BENTES, Anna Christina. Lingüística textual. *In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 245-285.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

CÂNDIDO, Gláucia Vieira *et al.* Mercado de trabalho para o revisor de texto: um estudo no polo educacional do ensino superior de Anápolis. *Revista PLURAIS – Virtual*, v. 1, n. 1, p. 106-123, 2011.

COELHO, Suzana Corrêa de Lima Ulian. A revisão como parte do processo de produção textual: o aluno/escritor como revisor de seus próprios textos. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://bdjur.stj.gov.br>>. Acesso em: 04 abr. 2013.

COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 107-133, jul./dez. 2002.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. *In: CECCANTINI, J. L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. v. 1, p. 113-128.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA, Roger Vinícius da Silva; RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; PENA, Daniela Paula Alves. Dificuldades no trabalho do revisor de textos: possíveis contribuições da linguística. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 51, p. 53-74, set./dez. 2011.

D'ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas On Line – Atemática*, 1, p. 64-74, 2010.

DELLAGNELO, Adriana de C. K.; TOMICH, Lêda Maria B. Preferências de alunos-escritores em L2 com relação a estratégias de revisão de texto. *Linguagem & Ensino*, v. 2, n. 1, p. 73-86, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: introdução*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERABOLI, Gisele Aline. Conhecimento de mundo: um dos aspectos fundamentais à vida profissional de um redator e revisor de textos. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, p. 227-240, jan./jun. 2012.

FIAD, Raquel Salek. Reescrita de textos: uma prática social e escolar. *Organon*, Porto Alegre, n. 46, p. 147-159, jan.-jun. 2009.

FIAD, Raquel Salek. A pesquisa sobre a reescrita de textos. In: MARÇALO, Maria João *et al.* (Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. [s.L.]: Universidade de Évora, 2010.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Revisão colaborativa de textos escritos em língua inglesa: semeando a interação. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, n. 39, p. 105-129, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Trad. Antonio F. Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja; Passagens, 1992.

HEURLEY, Laurent. La révision de texte: L'approche de la psychologie cognitive. *Langages*, Paris, n. 164, p. 10-25, 2006. *Apud* COSTA, Roger Vinícius da Silva; RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; PENA, Daniela Paula Alves. Dificuldades no trabalho do revisor de textos: possíveis contribuições da linguística. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 51, p. 53-74, set./dez. 2011.

LEITE, Délia Ribeiro. *O olhar do profissional: estudo do movimento ocular na leitura realizada por revisores de texto*. 267 f. Tese (Doutorado em

Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LUCENA, Ana Maria Cardoso. Revisão colaborativa de textos no 2º grau. *Trab. Ling. Apli.*, Campinas, n. 29, p. 5-19, jan./jun. 1997.

MACEDO, Denise Silva. *As contribuições da Análise de Discurso Crítica e da Multimodalidade à revisão textual*. 184 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MENEGASSI, Renilson José. Da revisão à reescrita: operações lingüísticas sugeridas e atendidas na construção do texto. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 49-68, 2001.

MENEGASSI, Renilson José. Procedimentos de leitura e escrita na interação em sala de aula. *MATHESES - Rev. de Educação*, v. 5, n. 1, p.105-125, jan./jun. 2004.

MOURÃO, Eliane. A hipercorreção na escrita formal: dilemas do revisor de textos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 163-178, 1º sem. 2010.

MUNIZ JR., José de Souza. *O trabalho com o texto na produção de livros: os conflitos da atividade na perspectiva ergodialógica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010a.

MUNIZ JR., José de Souza. Revisor, um maldito: questões para o trabalho e para a pesquisa. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al. *Leitura e escrita em movimento*. São Paulo: Peirópolis, 2010b.

OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. Práticas de reescrita e revisão de textos na sala de aula. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS EM GÊNEROS TEXTUAIS, 6., 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Risoleide%20Rosa%20Freire%20de%20Oliveira%20%28UERN%29.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2013.

PINTO, Ildete Oliveira. *O livro: manual de preparação e revisão*. São Paulo: Ática, 1993. *Apud* RIBEIRO, Ana Elisa. Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12. 2007, Juiz de Fora. *Anais...* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0011-1.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

PIRES, Ana Luisa de Oliveira. *Educação e formação ao longo da vida: análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e de competências*. 626f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2002.

RIBEIRO, Ana Elisa. Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12. 2007, Juiz de Fora. *Anais...* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0011-1.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa. Recados ao revisor de textos: representações do profissional de texto nas crônicas de Eduardo Almeida Reis. *Verso e Reverso* – Revista da Comunicação, ano 22, v. 22, n. 51, 2008. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/699>>. Acesso em: 15 out. 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32.

2009, Curitiba. *Anais...* Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2050-1.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2014.

ROCHA FILHO, J. B. *Transdisciplinaridade: a natureza íntima da educação científica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SALGADO, Luciana. O autor e seu duplo nos ritos genéticos editoriais. *Revista Eutomia*, ano 1, n. 1, p. 525-546, 2008.

SALGADO, Luciana Salazar. Escritura e leitura, elementos da autoria. In: RIBEIRO, Ana Elisa *et al.* *Leitura e escrita em movimento*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

SALGADO, Luciana Salazar. *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.

SALGADO, Luciana Salazar; MUNIZ JR., José de Souza. Da interlocução editorial: a presença do outro na atividade dos profissionais do texto. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 87-102, 1º sem. 2011.

SANT'ANA, Rivânia Maria Trotta; GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Reflexões acerca das práticas de tradução e revisão de textos e de parâmetros para a formação de tradutores e revisores. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 225-234, 1º sem. 2010.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da (Org.). *Direito autoral, propriedade intelectual e plágio*. Salvador: Ed. EDUFBA, 2014.

SILVA, Vânia da; MINCOFF, Luciane Braz Perez. Ressignificando as competências teórico-práticas: contribuições do Disque Gramática para a formação de revisores de textos. In: CIELLI – COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1.; COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4., Maringá, 9-11 jun. 2010. *Anais...*

VITA, Ercilene Maria de Souza. *O sujeito, o outro e suas relações com o texto na revisão de textos escolares*. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

YAMAZAKI, C. 2007. O editor de texto: quem é e o que faz. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, Santos, 2007, *Anais...* Intercom. Disponível em: <www.adtevento.com.br>. Acesso em: 15 out. 2014.